

correio@eletrónico

ESCREVER CARTAS NA REDE

MANUEL PORTELA

I am filled with the anonymous being of the network. Yet, impossibly, I imagine through the screen to you. I address you and beg your response. (Baldwin, 2015: 15)

I. CARTA@INTERNET

A primeira pergunta: o que há de específico na correspondência eletrónica? A segunda: se há algo de singular na correspondência eletrónica, como apreender e mostrar essa singularidade? A terceira: qual a origem dessa singularidade? A quarta: que transformações desencadeia na forma da carta e na relação entre os correspondentes? Se quiséssemos ser sistemáticos, teríamos ainda de fazer aquelas quatro perguntas relativamente aos tipos de situação comunicacional e à gama de modulações discursivas que estruturam a comunicação escrita à distância — desde a carta institucional de teor burocrático à carta comercial, à carta formal entre indivíduos, à carta de amizade, à carta familiar, à carta íntima de amor. Consideremos apenas, a título de caso exemplificativo, a carta pessoal, definindo-a como a correspondência privada e íntima entre dois indivíduos. Perguntemo-nos, ainda: em que medida uma carta eletrónica é uma carta?

Uma análise da convenção para indicar os endereços de correio eletrónico ajuda-nos a perceber o processo de reconfiguração da forma da carta na correspondência eletrónica. O uso do símbolo @ para separar o identificador do remetente (ou do destinatário) daquele que é o identificador da máquina de origem (ou de destino) da correspondência foi introduzido em 1971 pelo programador Raymond Tomlinson (1941-2016), engenheiro a quem é atribuída a criação do primeiro programa de *e-mail* na ARPANET, a rede precursora da internet. A rede eletrónica — isto é, o conjunto das infraestruturas que permitem a codificação, transmissão e descodificação de sinais — passou a permitir que a escrita interpessoal circulasse sob a forma de fluxos de sinais nas redes de telecomunicações graças aos processos gerais de digitalização dos caracteres

alfanuméricos e à abstração informática que tornou possível criar endereços dentro dessa rede, cada um dos quais virtualizava um determinado remetente ou destinatário.

Seguindo a lógica simulatória do meio digital, o programa de correio formaliza e integra num mesmo espaço — o espaço da interface gráfica da comunicação digital — os elementos que compõem todo o processo da correspondência: o corpo da carta e os campos que, no sobrescrito, identificam emissor e recetor, mas também o circuito de distribuição que, através das ações de envio e entrega, institui a situação da correspondência com a sua pragmática comunicacional própria. Por um lado, remetente e destinatário são abstraídos como representações dos indivíduos e das instituições dentro da própria rede, à qual todos acedem a partir dos seus dispositivos individuais. Por outro lado, ambos se tornam participantes de um sistema de gestão do correio enviado e recebido, segundo o imperativo arquivístico e enciclopédico do meio digital. Servidor e cliente encontram-se cindidos em camada maquínica e camada humana. A primeira age como procuradora da segunda. A segunda confia nos protocolos eletrónicos que sustentam as trocas síncronas e assíncronas de sinais binários que codificam a escrita.

Ao mesmo tempo que institui a possibilidade de comunicação escrita à distância sob forma digital, o programa de correio eletrónico emula quer as componentes formais que a carta enquanto género textual apresenta, quer o anterior sistema de distribuição postal — fazendo de cada endereço eletrónico um equivalente de um endereço no espaço físico —, quer ainda o processo de arquivo da correspondência, fazendo de cada correspondente, com ajuda do seu programa de correio, um catalogador e indexador das cartas enviadas e recebidas. Em certa medida, o correio eletrónico é uma das primeiras práticas de escrita na internet em que se pode observar a transformação do indivíduo numa central de telecomunicações, algo que os programas de conversação e de mensagens instantâneas na década de 1990, assim como os blogues e as redes sociais de texto, som, imagem e vídeo nos anos 2000 irão consumir. A ubiquidade das redes móveis e a capacidade de processamento dos *smartphones* vêm acentuar a endereçabilidade permanente dos indivíduos.

A compreensão da natureza particular da correspondência eletrónica implica por isso a contextualização da correspondência entre dois interlocutores — por vezes idealizada como modelo da dimensão literária da epistolografia num sentido lato — no campo mais vasto da explosão da comunicação escrita (e audiovisual) eletrónica. Neste domínio, verifica-se que uma parte muito significativa dos processos burocráticos de organização e gestão do trabalho, por um lado, e de marketing e propaganda, por outro, passaram a constituir-se como o principal conteúdo da correspondência eletrónica (Baggott, 2007). A reprodução e distribuição coletiva instantânea de mensagens escritas

tornaram o correio eletrônico omnipresente, intensificando extraordinariamente o lugar das mensagens de *e-mail* no cotidiano dos indivíduos, algo que os dispositivos móveis e as redes sem fios reforçaram ao teletransportar cada vez mais lugares e indivíduos para o espaço abstrato da rede.

A distribuição global de correspondência escrita, incluindo mensagens automáticas enviadas para milhares ou mesmo milhões de utilizadores, somada ao aumento exponencial das comunicações de correio eletrônico internas em todos os locais de trabalho resultou numa avalanche que alterou a economia da receção e da produção de cartas. De resto, a mudança do modelo de negócio dos serviços postais tradicionais — privatização do capital social, comercialização de produtos diversos, oferta de serviços financeiros — decorre, em parte, dos efeitos do processo geral de virtualização da correspondência em papel que tornou justificável a liberalização em larga escala do setor postal (Ruozi e Anderloni, 2002; Crew e Kleindorfer, 2006). Se na primeira década de expansão da World Wide Web se publicavam inúmeros livros a explicar as grandes virtudes do *e-mail* na simplificação da comunicação e na otimização do marketing, também desde muito cedo se observa o crescimento do número de títulos dedicados ao SPAM e ao excesso de correio eletrônico (Schryen, 2007)¹. De resto, os livros sobre a otimização da gestão deste correio tornaram-se um subgénero próprio, oferecendo receitas sobre como aumentar a produtividade gerindo melhor o *e-mail* (Glei, 2016). A apreensão da especificidade da correspondência eletrónica implica considerar o conjunto de práticas técnicas e sociais que, nas últimas três décadas, incrementaram a troca de mensagens escritas em praticamente todos os domínios de atividade, incluindo a substituição de interações verbais, em presença ou telefónicas, por correio eletrônico.

2. CONTRAÇÃO@ESPAÇO-TEMPO

Talvez o facto com mais consequências para as práticas comunicacionais em rede tenha origem na brutal compressão do espaço e do tempo que decorre da sincronia ou parassincronia das interações. Este efeito esmagador da simultaneidade, criado pela retroação instantânea e ubíqua, à medida que as redes móveis expandem o alcance geográfico da sua cobertura, resulta na multiplicação da sobreposição de tempos e de espaços. É como se as cartas viajassem entre o espaço-tempo mental do remetente e o espaço-tempo mental do destinatário, imunes aos tempos e aos lugares concretos que definem a situação de cada um. Sugados pela força gravitacional da interseção de tempos e espaços díspares no espaço-tempo puramente simbólico da rede, os indivíduos têm dificuldade em dessincronizar-se dessa temporalidade comprimida e em localizar-se fora desse espaço informatizado. O espaço-tempo da rede passa até a mediar a relação que estabelecem consigo mesmos, colonizando o

seu espaço-tempo psicológico, como se a interioridade do seu pensamento se tivesse tornado contígua do espaço-tempo da rede.

Esta seria uma outra forma de descrever a realidade cruzada («X-Reality») entre o *em linha* e o *fora-de-linha* que Beth Coleman identifica como o efeito da conexão permanente e que implica a alteração da noção da presença — nossa e alheia — para abranger não apenas a telepresença síncrona mas toda a disseminação de vestígios mediais através dos quais, enquanto indivíduos, espalhamos os nossos avatares na rede: mensagens escritas, mensagens áudio, endereços, fotos, vídeos, páginas, contas e perfis em inúmeras plataformas (Coleman, 2011). Uma multiplicação virtualizada que hoje se parece menos com a oficina aberta de experimentação de identidades que Sherry Turkle antevia nas décadas de 1980 e 1990 (Turkle, 2005 e 1995), e mais com o controlo global que a análise algorítmica dos comportamentos em linha — incluindo os dados gerados pelos cliques que fazemos de ligação em ligação e pela própria correspondência escrita — tornou possível enquanto estratégia de vigilância e de monitorização dos desejos e pensamentos individuais (Zuboff, 2019). Este processamento de um número cada vez maior de práticas simbólicas pela computação em nuvem, que Andersen e Pold descrevem através do conceito de meta-interface (Andersen e Pold, 2018), revela a escala com que as redes eletrónicas reconfiguraram as finalidades e os usos da leitura e da escrita, incluindo a escrita interpessoal.

Ainda que o correio eletrónico pareça conservar a condição fundamental da escrita enquanto tecnologia de comunicação assíncrona, ele participa já da aceleração do tempo e da compressão do espaço que caracterizam a cultura da rede, dos quais resultam, primeiro, a inextricabilidade entre *on* e *off*, depois, a preponderância do *on* sobre o *off*. Reside nesta alteração da relação da escrita com o tempo e com o espaço — induzida pela possibilidade de sincronizarmos os nossos atos de escrita e leitura através das redes e sistemas digitais — a origem da especificidade fenomenológica e cultural da correspondência eletrónica. A distância espacial e temporal pressuposta pela carta de papel — medida em anos, meses, semanas ou dias, e em continentes, oceanos, países e localidades — sofreu uma radical alteração de escala, passando a medir-se em segundos e minutos e na mobilidade deslocalizada do dispositivo que mimetiza a caixa de correio. Em vez dos sistemas de transporte terrestre, marítimo e aéreo, apenas a deslocação de pacotes de dados em cabos de fibra ótica segundo princípios eletromagnéticos. Em vez da distância geográfica entre remetente e destinatário, apenas a justaposição transespacial entre um e outro como meros pontos nanoscópicos numa rede invisível de cabos submarinos transcontinentais e satélites geoestacionários. A conjugação da rede com o *smartphone*, por sua vez, implica a endereçabilidade permanente de cada indivíduo enquanto caixa de correio e serviço postal ao mesmo tempo.

De um ponto de vista das suas características linguísticas e discursivas, as práticas de comunicação escrita eletrónica têm sido analisadas como um conjunto de variedades próprias, condicionadas pelas limitações e funcionalidades propiciadas pelo *software* de comunicação e pelos protocolos técnicos que lhes estão associados. David Crystal refere-se-lhes como *netspeak* — «net-fala» ou discurso da internet —, argumentando que uma das suas características definidoras é a combinação entre propriedades do discurso oral e propriedades do discurso escrito (Crystal, 2011). A preponderância relativa de um e de outro varia consoante a natureza do protocolo eletrónico de comunicação, distribuindo-se num *continuum* entre dois polos: do sítio web (com predominância de critérios aplicáveis à situação comunicacional do discurso escrito), passando pelo blogue, correio eletrónico, grupos de conversação, mundos virtuais e mensagens instantâneas (onde prevalecem os critérios aplicáveis à situação comunicacional do discurso oral).

No caso dos protocolos de comunicação por meio do correio eletrónico, Crystal identifica a presença de quatro critérios definidores da situação de comunicação oral: inscrição na dimensão temporal (em graus variáveis); espontaneidade (em graus variáveis); estruturação informal (em graus variáveis) e interação social (em graus variáveis). Identifica também a ausência de três critérios definidores da situação de comunicação oral: comunicação face a face; revisibilidade imediata da mensagem e riqueza prosódica (Crystal, 2006: 45). Já no que se refere aos critérios definidores da situação de comunicação escrita, menciona a presença dos seguintes: inscrição na dimensão espacial (embora frequentemente as mensagens sejam apagadas); elaboração (em graus variáveis); visualmente descontextualizada (em graus variáveis); estruturação elaborada (em graus variáveis); factualmente comunicativa e repetidamente revisível (em graus variáveis). O único critério da situação de comunicação escrita ausente seria a riqueza gráfica (*ibid.*: 47).

Embora a análise de Crystal esteja orientada para uma perspetiva de análise linguística da natureza e dos efeitos dos protocolos de comunicação na internet, ela permite-nos identificar vários aspetos que alteram a natureza e a forma da carta na correspondência eletrónica: a sua aproximação ao eixo da inscrição no tempo, isto é, ao eixo da comunicação em copresença dos interlocutores; a sua existência numa ecologia multicanal de comunicação escrita síncrona, constituída por diversos protocolos com pragmáticas próprias (designadamente o SMS e a conversação escrita em diferentes tipos de redes sociais); a contaminação entre as formas de comunicação escrita informais, imediatas e breves — características daqueles protocolos — e as formas de comunicação formais, refletidas e longas que definem as convenções epistolares. Por outras palavras, a compreensão da especificidade da carta eletrónica enquanto remediação² do género epistolar manuscrito e datiloscrito não pode

limitar-se a considerar o efeito do meio *e-mail* — no sentido restrito de programa computacional de correio e infraestrutura de telecomunicações — sobre a mensagem. É necessário considerar globalmente a ecologia da comunicação interpessoal (escrita e oral) nos meios eletrônicos atuais para se compreender a interação entre mediação técnica e género textual. Certamente que grande parte das convenções estabilizadas do género — nos diferentes tipos e formas de carta — se mantiveram enquanto convenções textuais, migrando para o novo meio. No entanto, ao mudar as práticas de comunicação escrita interpessoal, a comunicação escrita assistida por computador altera também a forma da carta.

3. TU@EU

Outra das alterações que a cultura digital de conectividade permanente parece produzir é a transformação da relação do sujeito consigo próprio e com os outros. A observação de crianças e adolescentes nativos digitais tem mostrado que o próprio sentido de si dos indivíduos passa a depender de respostas dos outros mediadas pelos sistemas de comunicação. Além disso, a investigação sugere que a comunicação mediada por computadores altera a capacidade de desenvolver empatia. Ou seja, a necessidade de conexão permanente interfere com a capacidade introspectiva — limitando a conversa que os indivíduos mantêm consigo mesmos e a conseqüente reflexividade — e, simultaneamente, diminui a capacidade de imaginar o lugar dos outros, já que estes se fazem presentes mais como representações gráficas na interface sob controlo do utilizador do que como seres independentes dessa figuração simbólica. Sherry Turkle tem chamado a atenção para o valor da conversação face a face como um processo fundamental de construção do humano, agora ameaçado pela ubiquidade e permanência da comunicação à distância, que parece desligar os indivíduos da presença integral dos outros, seja no domínio da família, do trabalho, da política ou da intimidade (Turkle, 2015). O seu próprio eu passa a existir projetado no ecrã e distribuído na rede, experienciada como extensão subcognitiva do mapa mental do sujeito.

Remediados pelos dispositivos técnicos através dos quais comunicam, os sujeitos digitais são retroativamente produzidos pelas novas condições materiais de produção da subjetividade. O sujeito da correspondência eletrónica já não pode ser imaginado como o sujeito da carta manuscrita — a alma contígua à mão calígrafadora — ou como o sujeito da carta datilografada — a alma efeito especial do código do teclado. É preciso imaginá-lo dentro dessa rede de escrita infinita a que chamamos internet, na qual o filtro que coa o mundo através da consciência e faz dela conteúdo da expressão simbólica individual se dissolve na multiplicação exteriorizada de escritas, humanas e maquínicas, num espaço cibernético de projeção coletiva fantasmática. Plataformas e pro-

gramas formalizam e modelam as funções enunciatórias do discurso, prescrevendo um sistema de relações entre remetentes e destinatários, processando a sua endereçabilidade e a sua interioridade na condição de fluxos automáticos de dados analisáveis. Ao projetar-se nesse *loop* hipertrofiado de interação simbólica recursiva, a correspondência eletrônica define-se também segundo os protocolos desse *grande além* da escrita digital:

You are not writing *on* the screen though letters may appear *there*. Even if you touch the screen, as I do with a smart phone, your touch hovers above the screen; my touch touches the glass that separates me and my world from the screen. There is the screen that I touch: it is glass, it is chrome, but the words are deeper; they are not on the screen. Fanning my fingers on the screen, touching its cool glass, I get nothing but smooth surface. Licking the screen, rubbing my chest on it, none of these acts brings me closer to the other side. Do not talk to me about haptics or VR or what have you, all of which only reinforce the gap. The membrane is absolute. They are on the other side of the screen in *the great beyond*, in that *other place* seen through the screen, where my letters and words and messages accumulate. (Baldwin, 2015: 7)

A economia representacional do *eu* e do *tu*, isto é, os modos através dos quais o remetente se produz por autorreferência enquanto imagina um *tu* a quem se dirige, altera-se por efeito da aparente imunidade dos fluxos eletrônicos de sinais à experiência corporal da presença no tempo e no espaço — ainda que essa ilusão de imaterialidade seja um efeito direto da materialidade específica do meio digital e da complexa infraestrutura que sustenta a rede. A disponibilidade eletromagnética do outro nesse processo de envio instantâneo de mensagens parece anular o intervalo entre *eu* e *tu* fazendo-os equivaler-se na disponibilidade material das redes e dos servidores que os conectam. Remetente e destinatário dissolvem-se na grande massa de escrita que, de forma quase autónoma, circula entre máquina e máquina. A correspondência eletrônica constituiria apenas uma pequena parte da seiva simbólica que alimenta o sistema circulatório dos cabos de fibra ótica, sempre à espera de interpelar *eus* e *tus* dispostos a acrescentar mais linguagem ao fluxo caudaloso. Por outro lado, se considerarmos o caso particular da correspondência amorosa, a instantaneidade e a quase sincronia da comunicação eletrônica reforça o fantasma romântico da comunicação absoluta e da união de consciências. A transmutação do impulso erótico em matéria simbólica, característica da paixão amorosa, é intensificada pelo efeito adicional de se desmaterializar em puros fluxos de sinais sem problemas de transmissão.

4. E-MAIL@ROMANCE

Publicados sob a forma de livro impresso, de arquivo na internet ou de aplicações para *smartphone*, vários romances epistolares de correio eletrônico exploram as particularidades comunicacionais e textuais deste meio³. Trata-se de atualizações da tradição da ficção narrativa epistolar, na qual enredo e personagens são construídos apenas, ou sobretudo, através da correspondência trocada. O uso dos campos do cabeçalho de um programa de *e-mail* serve para assinalar a situação particular de comunicação entre as personagens, mas nem sempre se trata apenas de uma adaptação textual das convenções da carta. Uma leitura atenta de algumas destas cartas eletrônicas ficcionais e dos seus processos de produção revela efeitos da nova ecologia medial, seja no estilo da correspondência, seja nas formas de interação entre personagens, seja ainda na exploração do próprio programa de *e-mail* como instância narrativa.

Alguns autores de literatura eletrônica chegam a recriar performativamente o processo de transmissão e recepção da correspondência fazendo da caixa de correio de um grupo de leitores um dos destinatários da correspondência trocada entre as personagens. Deste modo acentuam o efeito voyeurístico que consiste em ler a correspondência privada alheia, ao mesmo tempo que sincronizam a temporalidade do envio e da recepção pelo leitor com a temporalidade ficcional da própria correspondência (Rettberg, 2014). É esse o caso, por exemplo, do romance de Carl Steadman intitulado *Two Solitudes* (1994) que os leitores subscreviam usando os próprios endereços de correio eletrônico, recebendo nas suas caixas uma série de cartas de amor e separação entre duas personagens (Steadman, 1994). A correspondência começa a 24 de setembro de 1994 e termina a 29 de outubro de 1994 com uma mensagem automática do servidor a indicar que a última mensagem não foi entregue. O fim da relação é indicado através do apagamento da conta da destinatária:

Date: Sat, 29 Oct 94 08:15:21 CDT
From: MAILER-DAEMON@sobriquet.com
To: Lane Coutell
cc: Postmaster@sobriquet.com
Subject: Undeliverable mail

Your message was not delivered to the following recipients:
dsilverman: User unknown

A obra performativa *Blue Company* (2002), de Rob Wittig, consistiu igualmente numa série de mensagens eletrônicas enviadas por Berto, um revisor de

texto transferido para a Itália do século XIV, à sua correspondente amorosa no século XXI, geralmente ao ritmo de uma por dia ao longo de um mês, entre 13 de maio e 13 de junho de 2002 (Wittig, 2002). A 30 de maio de 2002 são enviadas cinco mensagens atualizando os resultados de um torneio em que o protagonista participa. Sem cabeçalho que identifique as mensagens como *e-mail* na versão posteriormente publicada na web, o texto da correspondência desenvolve-se segundo uma lógica metafórica e hiperbólica que mistura referências biográficas quotidianas com referências medievais. A disposição gráfica epistolar tradicional é substituída por uma organização híbrida que evoca uma sequência de poemas, incluindo negritos que se destacam como títulos. Os textos combinam-se, por vezes, com pequenos desenhos irónicos e sugestivos de algumas das cenas descritas:

Write Back Only if You Want To

tell me how you're doing, what's been going on

hoping against hope

no pressure

fingers crossed

under his breath “please, please, please, please, please”

Having a Blast in the Past,
I am
The Man They Call
Berto Alto



Fig. 1. Mensagem final da obra **Blue Company** (2002), de Rob Wittig

Uma estratégia similar de ancoragem sincrónica da narrativa no tempo da escrita é usada em *Kind of Blue* (2002) de Scott Rettberg, concebida como continuação e derivação da obra de Wittig. Também nesta sequência é simulado o processo comunicacional através do envio da correspondência entre várias personagens a um pequeno grupo de leitores entre 17 de junho e 5 de agosto de 2002 (Rettberg, 2002). Na sua primeira versão, a obra foi realizada como um

conjunto de mensagens de correio eletrônico enviadas nas datas que constam dos cabeçalhos, podendo os intervalos entre mensagens durar um dia, várias horas ou apenas alguns minutos. As regras de composição incluíam o envio de cada mensagem imediatamente após a composição e, ainda, a coincidência entre a cronologia da narrativa e a cronologia do envio:

Date: Fri, 19 Jul 2002 00:35:54
Subject: Wake
From: susannenbreone@aol.com
To: skipvskip@hotmail.com

Skip,
Are you going to the wake tomorrow evening?
I'd like to see you after.
Susanne

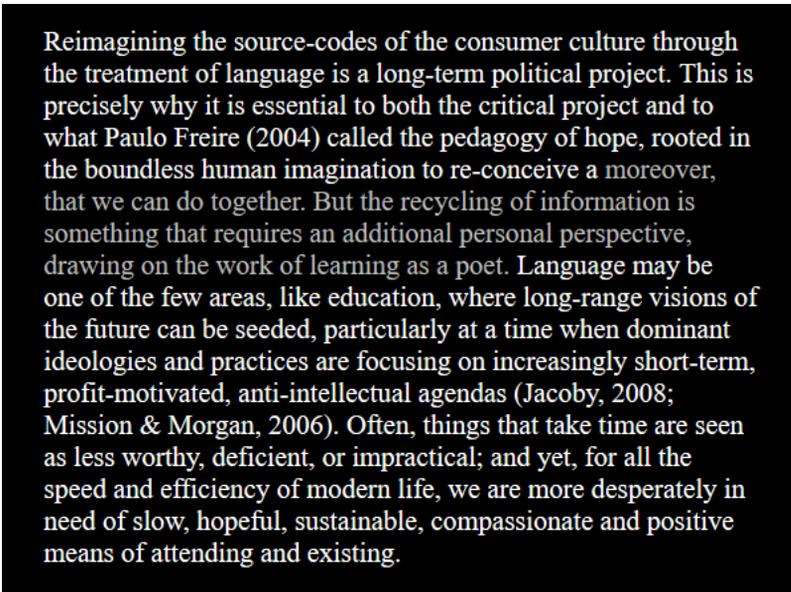
Nestes três casos é visível a tentativa de incorporar a situação comunicacional particular da compressão espaço-temporal criada pela rede de telecomunicações no enredo e na forma de produção das obras: não só as personagens escrevem dentro de um determinado protocolo de comunicação de correio eletrônico, como esse mesmo protocolo é usado para comunicar com os leitores que leem através do seu programa de correio os *e-mails* escritos pelas personagens. O envio das mensagens para os leitores, sincronizado com a frequência do envio de mensagens entre personagens, inscreve o ato de publicação no regime da comunicação eletrônica. Este efeito de real dirige a atenção para as condições que redefiniram a situação comunicacional da escrita eletrônica: mais do que simplesmente representá-las dentro da escrita, como acontece nos inúmeros romances impressos em que as personagens trocam correspondência eletrônica, trata-se de emular o quase sincronismo entre a transmissão da correspondência e a sua leitura, presentificando para os leitores a rede comunicacional que os une às personagens e aos autores.

5. SPAM@ESCRITA

Uma estratégia diferente é usada por Jim Andrews em *Kedrick James* (2010) para evidenciar a proliferação automática da escrita como condição definidora do momento comunicacional presente (Andrews, 2010). Trata-se de um texto permutativo que mimetiza a automatização da produção linguística na rede através da combinação de quatro parágrafos de uma dissertação de doutoramento sobre a proliferação descartável da linguagem e a massificação da correspondência representadas pelo correio eletrônico automático (James, 2009). O primeiro parágrafo, sem título, começa pela frase «Reimagining

the source-codes of the consumer culture through the treatment of language is a long-term political project», ao qual se seguem «Writing Post-Person: Literacy, Poetics, and Sustainability in the Age of Disposable Discourse» (que corresponde ao título da tese), e ainda «Defining and Identifying the Excess Problem» e «The Art of Recycling in an Age of Automated Correspondence» (títulos de dois capítulos).

O texto de cada um dos quatro parágrafos está segmentado em sequências de algumas palavras que substituem automaticamente segmentos de outros parágrafos de cada vez que movemos o cursor sobre o texto. A experiência de leitura integral é frustrada pela rapidez das permutações, pelas quebras de coesão sintática e pelas incoerências semânticas geradas. A ausência de controlo do leitor sobre aquilo que lê torna-se num reflexo da des-subjetivação inerente à produção automática de linguagem. Determinados fragmentos de sentido sugerem a existência de um espaço de ação política interno à própria linguagem. As noções de desperdício e excesso, por um lado, e de sustentabilidade e reciclagem, por outro, são transferidas para os usos da linguagem, revelando-a como um constituinte estrutural da economia material e simbólica da rede. Andrews exemplifica na permutação textual os próprios termos da investigação de James, interrogando a proliferação automatizada de linguagem no espaço eletrónico, incluindo aquela que constitui o caudal que designamos como correio eletrónico.



Reimagining the source-codes of the consumer culture through the treatment of language is a long-term political project. This is precisely why it is essential to both the critical project and to what Paulo Freire (2004) called the pedagogy of hope, rooted in the boundless human imagination to re-conceive a moreover, that we can do together. But the recycling of information is something that requires an additional personal perspective, drawing on the work of learning as a poet. Language may be one of the few areas, like education, where long-range visions of the future can be seeded, particularly at a time when dominant ideologies and practices are focusing on increasingly short-term, profit-motivated, anti-intellectual agendas (Jacoby, 2008; Mission & Morgan, 2006). Often, things that take time are seen as less worthy, deficient, or impractical; and yet, for all the speed and efficiency of modern life, we are more desperately in need of slow, hopeful, sustainable, compassionate and positive means of attending and existing.

Fig. 2. Captura de ecrã da obra **Kedrick James** (2010), de Jim Andrews

A obra de Andrews emula processos algorítmicos de produção de escrita e mostra-nos a camada programada do correio eletrônico quer enquanto dispositivo, quer enquanto texto. Este exercício formal permite apreender, até certo ponto, uma das singularidades do correio eletrônico: o contexto proliferativo e semiautomático de produção de escrita, de cujos processos entrópicos a nossa correspondência interpessoal participa. Assim, para entender as condições materiais e simbólicas da produção de escrita na rede, é preciso compreender os processos de automatização dessa produção. Mais do que mera equivalência com a recusa da publicidade impressa não endereçada, o filtro de SPAM aponta para o funcionamento da escrita na rede e para a função da escrita na abstração das relações como fluxos simbólicos processáveis. O símbolo @ vincula remetente e destinatário à própria rede, aos seus efeitos de contração do espaço-tempo, de remediação do sujeito e de proliferação da escrita.

NOTAS

- ¹ No artigo «Is Email Making Professors Stupid?», publicado a 12/2/2019 em *The Chronicle of Higher Education*, Cal Newport sublinha as consequências negativas dos efeitos disruptivos do correio eletrônico para o trabalho intelectual prolongado (Newport, 2019). Embora o foco do texto seja o trabalho acadêmico, a descrição dos diversos usos do correio eletrônico mostra-nos que se trata de uma ferramenta que participa na lógica de burocratização e uniformização dos processos de gestão do trabalho e das organizações. Deste modo, o *e-mail* obedece a um conjunto de princípios de eficiência e racionalidade semelhante aos que conduziram à introdução dos processadores de texto entre as décadas de 1960 e 1980 (Kirschenbaum, 2016).
- ² Conceito elaborado por Jay David Bolter e Richard Grusin para compreender a relação entre diferentes média, e em especial a importação dos antigos para os novos, como acontece com as aplicações digitais. Segundo esta teorização, as aplicações hipermédia herdam propriedades das tecnologias de representação que procuram suplantam (imprensa, pintura, fotografia, telégrafo, telefone, cinema, vídeo, rádio), ao mesmo tempo que as reconfiguram segundo as estratégias de mediação características do meio digital. Remediar consiste em reformar um meio noutro meio. O conceito tem origem em Marshall McLuhan, que afirmou que o conteúdo de um meio é sempre outro meio. Cf. Bolter & Grusin, 1999.
- ³ Veja-se, por exemplo, a obra *Treehouse: A Found E-mail Love Affair* (First Fifteen, 2009), para iPhone e iPod Touch, que evoca as transmissões via *modem* dos meados da década de 1990. Da autoria de Joseph Alan Wachs e Jason Alan Franzen, a obra é constituída por uma série de mensagens eletrônicas, alegadamente encontradas num disco duro que estava a ser reparado, trocadas entre duas personagens no ano de 1996. Transcrevo a sinopse: «*Treehouse* contains the provocative emails of a real-life love affair carried out online 20-years-ago during the advent of the Internet. The entire manuscript has been released as a series of tantalizing Appisodes to be enjoyed in the privacy of your own phone» (Wachs e Franzen, 2009). Neste caso, a recria-

ção para telemóvel explora o efeito de intimidade do dispositivo de leitura na relação com o conteúdo narrativo. Breve demonstração em vídeo acessível neste endereço: <<https://vimeo.com/7455918>>.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Christian Ulrik, & Søren Bro Pold, *The Metainterface: The Art of Platforms, Cities, and Clouds*, Cambridge MA, The MIT Press, 2018.
- ANDREWS, Jim, *Kedrick James*, 2010: <<http://www.vispo.com/StirFryTexts/kedrick/index.html>>.
- BAGGOTT, Chris, com Ali Sales, *Email Marketing By the Numbers: How to Use the World's Greatest Marketing Tool to Take Any Organization to the Next Level*, Hoboken NJ, John Wiley & Sons, 2007.
- BALDWIN, Sandy, *The Internet Unconscious: On the Subject of Electronic Literature*, Londres, Bloomsbury Academic, 2015.
- BOLTER, Jay David & Richard Grusin, *Remediation: Understanding New Media*, Cambridge MA, The MIT Press, 1999.
- COLEMAN, Beth, *Hello Avatar: The Rise of the Networked Generation*, Cambridge MA, The MIT Press, 2011.
- CREW, Michael A., & Paul R. Kleindorfer (eds.), *Progress toward Liberalization of the Postal and Delivery Sector*, Nova Iorque, Springer, 2006: <<https://www.doi.org/10.1007/978-0-387-29744-6>>.
- CRYSTAL, David, *Internet Linguistics: A Student Guide*, Londres, Routledge, 2011.
- , *Language and the Internet*, Cambridge, Cambridge University Press, 2006.
- GLEI, Jocelyn K., *Unsubscribe: How to Kill Email Anxiety, Avoid Distractions, and Get Real Work Done*, Nova Iorque, Public Affairs, 2016.
- JAMES, Kedrick Platon, *Writing Post-Person: Literacy, Poetics, and Sustainability in the Age of Disposable Information*, Vancouver, University of British Columbia, 2009 [PhD Thesis].
- KIRSCHENBAUM, Matthew G., *Track Changes: A Literary History of Word Processing*, Cambridge MA, The Belknap Press of Harvard University Press, 2016.
- NEWPORT, Carl, «Is Email Making Professors Stupid?», *The Chronicle of Higher Education*, fev. 2019: <<https://www.chronicle.com/interactives/is-email-making-professors-stupid>>.
- RETTBERG, Jill Walker, «E-mail Novel», in Marie-Laure Ryan, Lori Emerson & Benjamin J. Robinson (eds.), *The Johns Hopkins Guide to Digital Media*, Baltimore MD, Johns Hopkins University Press, 2014, p. 178-79.
- RETTBERG, Scott, *Kind of Blue: A Serial Novel for Email*, 2002: <<http://retts.net/kindofblue/about.htm>>.
- RUOZI, Roberto, e Luisa Anderloni (eds.), *Modernisation and Privatisation of Postal Systems in Europe: New Opportunities in the Area of Financial Services*, Berlim, Springer, 2002: <<https://www.doi.org/10.1007/978-3-662-04882-5>>.
- SCHRYEN, Guido, *Anti-Spam Measures: Analysis and Design*, Berlim, Springer, 2007.
- STEADMAN, Carl, *Two Solitudes*, 1994: <<http://intertext.com/magazine/v5n1/solitudes.html>>.
- TURKLE, Sherry, *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*, Nova Iorque, Simon & Schuster, 1995.

- , *The Second Self: Computers and the Human Spirit* [1984], Twentieth Anniversary Edition, Cambridge MA, The MIT Press, 2005.
- , *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*, Londres, Penguin, 2015.
- WACHS, Joseph Alan, e Jason Alan Franzen, *Treehouse: A Found e-Mail Love Affair*, First Fifteen, 2009: <<https://www.firstfifteen.com/treehouse>>.
- WITTIG, Rob, *Blue Company*, 2002: <<http://www.robwit.net/bluecompany2002/>>.
- ZUBOFF, Shoshana, *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*, Nova Iorque, Public Affairs, 2019.